

Hipólito e Fedra

nos caminhos de um mito

Carlos A. Martins de Jesus, Claudio Castro Filho,
José Ribeiro Ferreira (coords.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



DO AMOR COMO DESCONHECIMENTO

GUSTAVO BERNARDO

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

“Sou o único entre os homens que tem este privilégio: conviver e conversar contigo, ouvindo o som da tua voz, sem olhar, porém, para o teu olhar” (Eurípides, *Hipólito*, vv. 84-85)

Na tradução de Frederico Lourenço para a peça de Eurípides, assim se define Hipólito na presença de Ártemis: o único homem que pode conversar e mesmo conviver com a deusa, ainda que não lhe seja permitido olhar para o olhar dela. Ártemis não é qualquer deusa, mas a própria deusa da castidade, portanto da pureza. Hipólito traz para ela uma coroa de flores que só podem ser colhidas pelos que “nada precisam de aprender, partilhando sempre, em todas as coisas, de uma castidade que lhes está na natureza” (vv. 79-80).

Estamos bem no começo da peça e salta aos olhos do espectador e do leitor a arrogância do personagem, parecendo representar já a sua *hybris*, isto é: o crime do excesso e do ultraje que se traduz em uma provocação aos deuses e à ordem estabelecida.

Entretanto, Hipólito não desafia nem provoca Ártemis, ao contrário: ele a homenageia sobre todas as deusas. Se há desafio, ele se dirige ao restante da humanidade, ao restante dos homens. Eu sou melhor do que qualquer um de vocês, é o que afirma o filho de Teseu. Hipólito age como se soubesse quem era, como se soubesse até que era melhor do que qualquer um dos demais. Mas, como todos os outros personagens, e por extensão como todos os leitores daquele tempo e do nosso tempo, ninguém sabe sequer quem é, o que impede a todos de saber qualquer coisa definitiva e completa sobre os outros ou sobre o mundo.

Ainda que homenageie a deusa, Hipólito o faz por oposição às demais, desvalorizando-as por via de consequência. Esta desvalorização é obviamente mais intensa no que se refere a Afrodite – ou Cípris, como é chamada na peça a divindade do amor, logo, a antítese necessária da castidade (por ter sido levada após o nascimento para a ilha de Chipre, em grego *Kypros*). O Servo de Hipólito, preocupado com a desfeita a Cípris, faz o amo concordar que se deve odiar o orgulho, perguntando-lhe a seguir por que não se dirige a uma divindade altiva. Reconhecendo a intenção do Servo, o mesmo Hipólito que concordara em odiar o orgulho obsta, orgulhoso: “Qual? Pondera bem, não vá a tua boca escorregar!” (v. 100).

O Servo, sem se intimidar, responde que se trata de Cípris. Hipólito diz que a saúda de longe, por ser puro (o que não é uma auto-avaliação propriamente

humilde), mas o Servo não se satisfaz com o gesto. Hipólito então declara: “Não estou interessado em deuses cujas maravilhas aconteçam de noite” (v. 106). Deste modo, demonstra honrar não apenas a Castidade mas também e principalmente o Dia, tomado aqui como metonímia da claridade, portanto do conhecimento pleno e do controle, por oposição à Noite de Cípris e a tudo o que ela possa conter de sonho, de perturbação, de acaso, de inconsciente, de paixão, de amor, enfim, de desconhecimento e de descontrole.

Hipólito será castigado por honrar o Dia, portanto o controle, e por repudiar a Noite, portanto o descontrole. Interessa notar como este castigo já vem anunciado no seu próprio nome, que etimologicamente significa “aquele que solta ou deixa ir os cavalos” (J. Brandão 1991-I: 576). Os cavalos, que de fato o herói parece domar como ninguém, representam antes a força incontrolável do desejo e da paixão, como se mostrará no próprio desfecho da peça (mas não o antecipemos ainda).

Depois que Hipólito sai de cena, o Servo implora para ele o perdão de Cípris, porque “a sabedoria divina tem de ser superior à humana” (v. 120). Não sei como se diria em grego “wishful thinking”, mas de todo modo é no que incorre o Servo, tentando sem sucesso tomar o seu desejo por realidade: o espectador sabe que a sabedoria dos deuses não é superior à humana e, principalmente, que eles e em especial elas (tanto deusas quanto mortais) não costumam perdoar. Dito de outra maneira, a sabedoria e o perdão são ideias reguladoras, permanecendo tão somente no horizonte, logo, permanecendo inacessíveis.

Cípris vingá-se de Hipólito, está claro, mas não o faz tirando-lhe a castidade, justamente para não enfrentar diretamente Ártemis. A deusa do Amor alveja Fedra, esposa de Teseu, o pai de Hipólito, obrigando-a a se apaixonar pelo próprio enteado. A paixão confirma-se assim como *pathos*, isto é, como patologia, como doença que afeta os humanos, antes maldição alheia que decisão pessoal. “Eu amo” significa então “algo me obrigou a amar” ou “um deus me obrigou a amar”. O amor acontece à revelia de quem ama. Ora, como o amor é o sentimento dos sentimentos, responsável pela reprodução da própria espécie, em termos mais amplos, e responsável tanto pelos momentos mais sublimes quanto pelos momentos mais humilhantes, nos termos de cada indivíduo, sua vivência joga o homem e a mulher no céu e no inferno e quase que ao mesmo tempo.

A situação de Fedra é ainda pior, porque Cípris a força a desejar uma relação incestuosa e a arriscar trair o marido e rei do modo mais vergonhoso possível para ambos. Ela não tem culpa, porque é joguete nas mãos de uma deusa, mas age e pensa como se tivesse, deixando claro que os deuses e as deusas são manifestações dos desejos recônditos e recalcados dos homens e das mulheres, apresentando-se como metáforas magníficas do que não sabemos e

não podemos saber, do que não controlamos e não podemos controlar. A fala de Fedra oscila entre a vontade de razão e o medo da loucura, mostrando toda a sua vergonha por algo que não veio dela mas talvez seja ela (vv. 239-249):

Pobre de mim, que terei eu feito? Para onde me afastei do bom senso? Enlouqueci... caí por castigo divino. Ai, ai, pobre de mim! Ama, cobre-me de novo a cabeça. Tenho vergonha das coisas que disse. Cobre-me. As lágrimas correm-me dos olhos e só vejo vergonha à minha frente. Pensar racionalmente dói, mas a loucura é uma desgraça terrível. O melhor ainda é morrerem sem darmos por nada.

Fedra não chora: as lágrimas correm-lhe dos olhos como se tivessem vontade própria. Acompanhando a imagem, poderíamos dizer que Fedra não pensa: pensamentos lhe ocorrem, pensamentos a tomam, pensamentos a assaltam. Penso, logo não sei o que sou, não sei quem sou, não sei nem mesmo se sou.

Paralelamente ao Servo de Hipólito, a Ama de Fedra acompanha sua perturbação e tenta ajudá-la, mas, como sói acontecer nas tragédias gregas, essa tentativa de ajuda apenas piorará tudo. A Ama até reconhece que “andamos à deriva e o que nos arrasta não passa de mitos” (vv. 196-197), mas não leva em conta esse reconhecimento e age como se não estivesse à deriva, ou seja, como se soubesse o que estava fazendo.

Fedra, quando se percebe apaixonada, põe-se a pensar “na melhor maneira de aguentar o amor” (vv. 392-393). O amor, aqui, não é algo que se tenha ou se desfrute, mas sim a coisa que no máximo se suporta ou se aguenta. Como ela aguenta?

Primeiro tenta calar “e esconder a doença” (v. 394), se não é possível confiar na língua, boa para aconselhar os outros mas péssima para os interesses de quem fala. A língua é sempre equívoca, ao mesmo tempo pletórica e insuficiente: dizemos sempre mais do que queríamos dizer e nunca conseguimos dizer exatamente o que queríamos dizer.

Depois, tenta “aguentar dignamente esta demência, vencendo-a por um esforço de reflexão sensata” (vv. 398-399), mas sua perturbação mostra a vitória da demência e a derrota da sensatez. Percebendo que não é páreo para Cípris ou para o amor que a aflige sobremaneira, resolve morrer, isto é, resolve não ser. Fedra levará a termo esta última decisão desesperada, mas não sem um requinte perverso de vingança – não contra Cípris, imune a suas artimanhas, mas sim contra Hipólito, o homem, o filho de Teseu, aquele que é o cúmplice (involuntário, mas não importa) da humilhação do amor a que foi submetida.

A Ama tenta dissuadi-la, minimizando e relativizando o problema. A rainha se encontra apaixonada, mas como tantos outros estiveram, estão ou estarão um dia. Não aconteceu nada de especial nem de incompreensível:

“desabou sobre ti a fúria de uma deusa, mais nada” (v. 438). Ou seja, o que acontece todos os dias com todo mundo, não há razão para tanto drama, meu Deus (ou, melhor dizendo, “minha Deusa”). Depois, faz uma oportuna (e oportunista) profissão de fé estoíca, tentando lembrar à sua senhora que o destino guia quem nele consente, mas arrasta a todos que lhe resistem (vv. 443-450):

É impossível resistir a Cípris quando jorra num grande caudal, ela que segue calmamente quem cede à sua vontade, mas, quando encontra alguém de ilustre e orgulhoso, agarra nele e não imaginas como o rebaixa. Cípris percorre o éter, está na onda do mar, tudo nasceu dela. É ela que semeia e dá o amor, donde viemos todos que nos encontramos na terra.

Tentar resistir a Cípris, ou seja, ao amor, seria arrogância desmedida, pois não passa de arrogância desejar-se superior aos deuses. Então a Ama convoca Fedra a aceitar a maldição como “benção”, como benção, acolhendo o amor que sente por Hipólito: “Tem a coragem de amar: é um deus que o exige” (v. 476). A Ama mesma se oferece como alcoviteira dos amantes futuros, considerando que a traição da rainha já se realizou em pensamento, então por que não em ato? Seu gesto, rasteiro e abominável sob uma determinada perspectiva (por exemplo, a de Teseu), ecoa ao mesmo tempo a clássica sabedoria dos estoícos bem como a sabedoria de filósofos futuros – como a daquele que disse que a melhor maneira de resistir a uma tentação é entregar-se completamente a ela.

A Ama, porém, não sabia tudo e, não sabendo tudo, não sabia o principal. Ela não tinha consciência nem da extensão da perversidade de Cípris nem do tamanho da arrogância de Hipólito. A arrogância de Hipólito é tal que ele ofende não apenas a deusa mas também todas as mulheres, revelando-se um misógino completo. Quando a Ama lhe conta da paixão da madrasta por ele, o príncipe bastardo vitupera contra todo o género (vv. 616-624):

Zeus, por que razão puseste as mulheres a viver à luz do sol, impondo assim aos homens um mal fraudulento? Se a tua vontade era de semear a raça humana, não nos devias ter fornecido isso por intermédio das mulheres: os homens, em vez disso, depondo nos teus templos bronze, ou ferro ou ouro maciço, comprariam os filhos, cada um pela quantia apropriada à sua categoria, e assim viveriam em casas livres – e sem mulheres!

Como se lê, a *hybris* de Hipólito é uma hidra de várias cabeças, uma mais arrogante do que a outra. Ele desdenha de Cípris em favor de Ártemis, desdenha das mulheres em favor dos homens, desdenha de todos em favor da sua própria pureza e castidade incontestáveis. Embora vítima da deusa e do

acaso, acaba por irritar o espectador e o leitor ao ponto de sentir justificável a vingança de Fedra, que consegue ser mais maligna ainda do que a de Cípris.

Porque Fedra, ao saber do vitupério desmedido de Hipólito contra ela e contra as mulheres em geral, decide cumprir sua sentença de morte contra si mesma – mas de modo a também estragar a vida do sujeito que a desprezou tão acintosamente (vv. 725-731):

Darei prazer a Cípris, que me destruiu, ao abandonar hoje mesmo a vida. É amargo o amor que me vitimará. Mas tornar-me-ei, ao morrer, fatal a um outro, para que ele aprenda a não ser altivo em relação à minha infelicidade. Será ao partilhar comigo da mesma doença que aprenderá a castidade.

Amaldiçoada, Fedra sai da vida amaldiçoando – mas o faz como uma boa grega, isto é, pedagogicamente: “para que ele aprenda a não ser altivo”. É preciso ensinar sempre, mesmo como último gesto.

Como último gesto, Fedra se enforca. Alertado pela gritaria das criadas, Teseu entra no aposento (e na peça) convenientemente nesta hora. Vê o cadáver da esposa, já estendido no leito, mas com uma pequena tábua pendurada do pulso. Ao retirá-la e lê-la, o rei exclama, desesperado: “Esta tabuinha grita – grita coisas horrendas!” (vv. 877-878).

No pequeno pedaço de madeira, Fedra escrevera que Hipólito a tomara à força na própria cama do casal. Teseu, filho de Posídon, se lembra que seu divino pai lhe prometera três graças – ou três desgraças, como preferisse. Então ele invoca o deus dos mares para atendê-lo e aniquilar o seu próprio filho. O Coro se scandaliza, diz que em breve o rei perceberá o quanto se encontra enganado, pede-lhe que recue do seu pedido insensato, mas o rei não atende, ao contrário: decide exilar o filho para que ele sofra de qualquer modo, mesmo que escape de Posídon.

Hipólito chega neste momento, assusta-se com a morte de Fedra e demora a entender por que o pai lhe transmite tanto rancor. Teseu, indignado com o aparente cinismo do filho, o acusa diretamente, na acusação destacando a sua arrogância de querer sempre se mostrar melhor e mais puro do que os demais (vv. 949-957):

Com que então é como homem especial que convives com os deuses, casto e puro de qualquer maldade? Não me deixaria convencer pelas tuas gabarolices, a ponto de atribuir aos deuses falta de inteligência. Agora bem te podes pavonear. Com a tua alimentação vegetariana, convertes as pessoas aos cereais e, com Orfeu por senhor, delira à vontade; presta as devidas honras ao fumo de muitos escritos – pois foste apanhado! Ordeno a todos que fujam de gente desta laia. Caçam-nos com palavras altissonantes, mas na verdade andam a preparar coisas vergonhosas.”

O príncipe bastardo é inocente da acusação de ter violentado a esposa do próprio pai, mas não da acusação de arrogância, não da acusação de se pretender saber mais do que todos, inclusive e principalmente sobre si mesmo. Tanto que, na sua réplica ao pai, reafirma sua superioridade moral e defende sua alma supostamente virgem: “Contemplas esta luz e esta terra? Nela não encontras – mesmo que não o queiras reconhecer – homem que tenha nascido mais casto do que eu” (vv. 994-995).

A afirmativa é curiosa, pois salvo melhor juízo todo bebê nasce casto – talvez peque em pensamento na primeira vez em que toma o seio da mãe, não se sabe. Mas o elogio que Hipólito faz a si mesmo mostra que ele transforma sempre sua perspectiva em verdades absolutas e eternas, portanto em dogmas essencialistas, não conseguindo enxergar o movimento das coisas, dos outros e do seu próprio íntimo. O mesmo faz Teseu, como vemos, sem que, no entanto, um possa se tornar o álibi do outro.

Acompanhado de vários Servos fiéis, Hipólito sai da cidade dirigindo uma quadriga (um carro de duas rodas puxado por quatro cavalos emparelhados). Em determinado momento, encontra a manifestação de Posídon, que atendia ao pedido terrível de Teseu.

Como em toda cena de ação, nas tragédias gregas, e à falta talvez de efeitos especiais hollywoodianos, o encontro de Hipólito com Posídon é contado *a posteriori* por um de seus amigos ao próprio Teseu. O trecho é longo, mas tão dramático e tão espetacular, na tradução de Frederico Lourenço, que merece ser transcrito (vv. 1198-1248):

Quando íamos a entrar num descampado onde há um promontório que continua pelo golfo Sarónico para além desta terra, foi daí que se libertou um barulho subterrâneo, semelhante ao trovão de Zeus, um tremor profundo, horrível de ouvir. Os cavalos levantam a cabeça; arrebitem as orelhas em direcção ao céu; e entre nós havia um terror incontrolável ao tentarmos perceber donde vinha aquele barulho. Olhando para a praia marulhante, vemos uma onda sobrenatural a elevar-se até ao céu, de tal forma que os meus olhos foram impedidos de ver a costa de Círon; escondia até o Istmo e a rocha de Asclépio. Em seguida, a onda aumenta e faz ferver à sua volta grande quantidade de espuma; corre num torvelinho de água salgada em direcção à margem onde está a quadriga. Com uma altura correspondente a três vagas, a onda regurgita um touro, besta monstruosa e selvagem. Toda a terra, repleta com o seu mugido, respondia-lhe de forma horripilante. Para quem estava a ver, parecia uma visão tão forte que o olhar não a podia aguentar. Os cavalos ficaram logo aterrorizados, mas o nosso amo, perfeitamente familiarizado com o comportamento dos cavalos, segurou as rédeas com as duas mãos, puxando-as como um marinheiro puxa o remo, pendurado para trás nas correias. Mas os cavalos, mordendo com as mandíbulas o freio forjado pelo

fogo, arrastam-no à força; e nem a mão do piloto, nem as rédeas, nem o carro bem construído conseguem fazê-los mudar de direção. E se guiava com o leme a corrida em direção ao solo macio, aparecia-lhe na frente o touro para os obrigar a voltar para trás, fazendo com que a quadriga ficasse desvairada de terror. Se os cavalos tresloucados se precipitavam para os rochedos, o touro, aproximando-se em silêncio, seguia o carro até que, finalmente, o derrubou e revirou, atirando uma das rodas contra uma pedra. Estava tudo misturado: os cubos das rodas, as cavilhas do eixo – tudo saltava no ar. E o próprio desgraçado, apanhado nas rédeas, é arrastado, preso a um nó impossível de desatar. Partiu a pobre cabeça contra as pedras e dilacerado, em carne viva, gritava coisas terríveis de ouvir: “parai, cavalos criados nos meus estábulos: não causeis a minha morte! Ó terrível maldição de meu pai! Não há ninguém que venha salvar este homem excelente?” Muitos de nós queríamos salvá-lo, mas ficávamos sempre para trás. Ele, não sei como, libertou-se do nó das correias cortadas e caiu; mas ainda lhe resta um sopro de vida. Não sei para que parte daquela zona rochosa os cavalos e o monstruoso touro desapareceram.

Como vemos, os efeitos especiais continuam dispensáveis. Mas, antes de trazer o filho moribundo à presença do pai, o mensageiro da desgraça ainda o defende, numa espécie de eco tanto à misoginia quanto à arrogância do herói, arrogância esta que não esmorece nem na hora final, se ele reclamava, petulante, que ninguém vinha salvar “este homem excelente” (vv. 1249-1254):

Senhor, sou apenas um escravo em tua casa. Mas de uma coisa nunca serei capaz: convencer-me da maldade do teu filho! Mesmo que toda a raça das mulheres se enforcasse e que o pinhal inteiro do Ida se transformasse em tabuinhas cobertas de letras... mesmo assim, eu saberia que ele é um homem superior.

Dizíamos que o castigo de Hipólito já vinha anunciado no seu próprio nome, que significa: “aquele que solta ou deixa ir os cavalos”. Os cavalos, que o infortunado herói parecia domar como ninguém, representam antes a força incontrolável da paixão e do terror, como mostram ao final. Na verdade o príncipe é ferido mortalmente antes pelos seus próprios cavalos – poderíamos dizer, talvez, pelos seus próprios cavalos-demônios internos – do que pelo gigantesco touro que Posídon lhe lançou para atender à invectiva de seu pai. Este gigantesco touro, por sua vez, é uma espécie de símile do Minotauro que, como sabemos, foi derrotado pelo próprio Teseu no labirinto de Dédalo. Todo o mito como que retorna urobóricamente a seu início.

Antes que Teseu possa ver pela última vez o seu filho, antes que ele morra, a própria deusa Ártemis aparece para o rei, como *deus ex machina*. Não posso deixar de anotar a belíssima solução cênica adotada por Carlos Martins de Jesus e Claudio Castro Filho, na montagem de *Hipólito* a que assisti na Universidade de Coimbra em Maio de 2010 e que deu ensejo ao presente texto: a atriz que

representava Ártemis era a mesma que representava Cípris, mostrando muito bem o encontro dos opostos e o desencontro dos homens.

Ártemis vem para mostrar a Teseu o espírito justo de Hipólito, seu maior devoto, e também para mostrar a paixão desvairada da sua mulher. Desse modo, explicita claramente a injustiça do rei: “Teseu, por que te alegras com esta situação, desgraçado, tendo morto o teu filho de forma ímpia devido às palavras falsas da tua esposa?” (vv. 1286-1289).

Teseu se desespera com o que fez e é desesperado que recebe o filho às beiras da morte. Toma-o nos braços e imediatamente recebe o seu perdão, como queria Ártemis. Todos condenam Cípris na última cena, mas na verdade condenam o imenso vazio de tudo o que não conhecem. As paixões não podem ser condenadas, não podem sequer se ver como condenáveis, elas não existem por si mesmas.

O que a peça de Eurípidés condena é a pretensão desmedida de saber a verdade toda, quando a verdade nunca se apresenta toda, inteira, ao ser humano: vemos apenas o que podemos ver, com nossos limitados órgãos de percepção, sabemos apenas o que podemos saber, na nossa circunstância limitadíssima.

Hipólito amava, Fedra amava, Teseu amava, sem dúvida – mas nenhum deles podia saber muito bem a quem ou porquê. O amor é da ordem mesma do desconhecimento, não do conhecimento. Assim como não sei se “eu penso” ou se “um pensamento me ocorreu”, também não posso saber se “eu amo” ou se “um amor me aconteceu”, nem quando “isso” é bom ou quando “isso” não é nada bom. O amor acontece à revelia de quem ama, parece claro – e é só o que parece claro. Tudo o mais permanece obscuro.